

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Colônias de Férias: a formação do estudante ideal no Rio Grande do Sul (1938 1943)

Frederico Brittes Nordin Garcia*

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar a trajetória desta pesquisa. O tema central consiste na análise e na descrição das Colônias de Férias ocorridas no Rio Grande do Sul durante o Estado Novo, mais precisamente, entre os anos de 1938 e 1943. Colônias essas que juntamente com uma série de medidas voltadas à saúde infanto-estudantil continham em seu bojo traços do discurso eugênico. Além do caminho até então desenvolvido, o artigo tem como proposta a apresentação de resultados obtidos até o momento.

Palavras-Chave: Estado Novo - Saúde - Educação

Abstract: This article has the purpose of showing its course. The central subject consists in analysing and describing the “Colônias de Férias” which occurred during the Estado Novo, precisely between 1938 and 1943, in Rio Grande do Sul. Those “colônias” had in their cradle an eugenic speech. Apart from what is already done, the intention is to present the goals obtained until this moment.

Keywords: Estado Novo – Health - Education

A melhoria da raça

Entre o final do século XIX e início do século XX, diversas foram as teorias de cunho biológico e ou raciológico que influenciaram as discussões intelectuais. De alguma maneira, esse tipo de debate serviu de resposta a uma série de dúvidas e angústias em um tempo de intensas mudanças; como expõe Peter Gay, “no século XIX, os mais marcantes álibis criados estavam relacionados às teorias biológicas” (GAY apud SILVEIRA, 2005:29). Idéias e teorias que foram profundamente influenciadas pelo Darwinismo, com conceitos de hereditariedade e evolução, recheando as discussões que permearam a virada do século.

Dentre tantas teorias, temos a Eugenia, que, através da obra de Francis Galton, veio a assentar-se enquanto ciência servindo de base para as citadas discussões teóricas e epistemológicas. Segundo Otávio Domingues, médico-eugenista paulista, a Eugenia é “a ciência que se propõe a estabelecer princípios e regras para a formação de proles sadias de corpo e sadias de espírito” (DOMINGUES, 1933:27).

* Frederico Brittes Nordin Garcia é formado em História pela PUCRS, e atualmente é mestrando do curso de História da PUCRS como bolsista do CNPq.

Conforme dissemos, a Eugenia, bem como as demais teorias de cunho biológico, surgem como uma solução imediata em um tempo de muitos questionamentos, por isso logo se difundem pelo meio médico-científico e não tardam a chegar ao Brasil. Já no início dos anos 1900, podemos encontrar um grande número de intelectuais brasileiros que, em função dos debates em torno da discussão sobre a identidade brasileira, trazem uma forte presença do discurso eugênico higienista. Como afirma Renato Ortiz, “o pensamento brasileiro da época vai encontrar tais argumentos em duas noções particulares: o meio e a raça” (ORTIZ, 1985:13).

Meio e raça surgem como norteadores dos debates de grande parte da *intelligentsia* nacional do início do século XX. Nomes como Nina Rodrigues, Silvio Romero, Oliveira Vianna, Belizário Pena, Euclides da Cunha, entre outros, se fazem presentes defendendo de uma maneira ou de outra o discurso eugenista sanitista.

Pode-se afirmar que, assim como as teorias de cunho biológico e raciológico encontraram no final do século XIX e início do século XX um período propício para se disseminarem, o Brasil apresentou-se como um solo favorável, tanto na adoção do discurso eugênico sanitista, quanto na tentativa de normatizar e adequar toda uma sociedade que desejava se enquadrar em modelos europeus.

A escola como núcleo de eugenia

A escola, sob a ótica dos eugenistas brasileiros nas primeiras décadas do século XX, fora percebida como um centro irradiador das práticas homogeneizadoras e higienizadoras. Através da atuação educativa, pretendia-se a elevação física e moral dos escolares. Dessa maneira, a partir de uma série de dispositivos, a escola se constitui como cenário de diversas realizações de cunho eugenista higienista. Na medida em que a *intelligentsia* nacional via a eugenia e o higineismo como fator preponderante no que tange à questão da unidade e da identidade nacional, diversas práticas foram introduzidas no seio da sociedade com esse intuito. Essas práticas incorporaram-se ao cotidiano das escolas brasileiras, no desejo de despertar a tão importante “consciência sanitária”.

A criança, na perspectiva de muitos desses eugenistas, seria o “primeiro estágio da prática educacional cuja finalidade última seria atingir os padrões familiares” (COSTA apud STEPHANOU, 1996:63). Logo podemos perceber a sistematização de medidas visando este objetivo, como fichamentos médicos dos escolares, a ação de enfermeiras ou visitadoras

sanitárias, entre outras. Portanto, é no âmbito escolar que podemos perceber com mais clareza esta tentativa de se formar um cidadão ideal, este devidamente enquadrado e integrado no espírito da República.¹

Estado Novo e a saúde infanto-estudantil

A década de 30 vai marcar a expansão capitalista no Brasil, expondo a ascensão da burguesia urbana brasileira, suplantando as oligarquias rurais. De acordo com que expõe José Nilo Tavares, o Estado Novo surge como expressão dessa ascensão burguesa, estabelecendo uma relação entre sociedade civil e Estado (TAVARES, 1991:74).

Com o advento deste regime, veio à tona um projeto que visava a integrar a nacionalidade brasileira como um todo, a fim de deter um “quadro desolador, de regionalismos desenfreados”, que estavam comprometendo a integridade nacional (SCHWARTZMAN, 1982:21). Assim, vêm à tona diversas práticas que davam ênfase à constituição de uma nacionalidade coesa, integrada e, por que não dizer, homogeneizada, substituindo “a desordem generalizada” pela “ordem integral” (SCHWARTZMAN, 1982:43).

O discurso eugênico higienista procurava de alguma maneira a melhoria da raça através da normatização de hábitos e condutas. Com isso, os regimes políticos de caráter totalitário e/ou autoritário desenvolveram uma relação muito próxima a esse discurso. Como o Estado Novo tinha como um de seus objetivos mais claros um projeto de nacionalização e de homogeneização da população brasileira, estabeleceu-se um momento propício para a adoção e a sistematização de práticas que de alguma maneira condicionassem a população ao ideal estado-novista. Como afirma René Gertz, “para viabilizar o controle sobre corpos e mentes nada melhor do que a abolição do estado democrático de direito” (GERTZ, 2005: 110,111).

Nessa perspectiva, se fazia necessário dentro da ótica de Vargas e dos intelectuais que o cercavam, a formação e a imputação de uma série de condutas e valores para essa população. Logo, é visível a extrema preocupação com medidas relacionadas ao campo da saúde, pois, além de valores morais, o Estado Novo via a necessidade da constituição de indivíduos dotados fisicamente e com condições de levar adiante a nação e seu plano modernizador.

Seguindo esse pensamento, é possível notar que a saúde infanto-estudantil foi sem dúvida um dos pontos mais importantes no processo de formação desse cidadão brasileiro

¹ Inúmeros foram os trabalhos desenvolvidos com o objetivo de analisar o papel “eugenista/higienista” da escola. Cito, por exemplo, os trabalhos desenvolvidos por Maria Stephanou, Vera Regina Bletrão Marques, entre outros.

considerado ideal. De acordo com o que expressa David Ferreira de Paula, o Estado Novo “projetava fins políticos à infância a fim de compatibilizá-la com o roteiro de formação nacional” (PAULA, 1997:171). Nesse ponto, como nos demais aspectos da saúde pública, é possível identificar medidas que traziam em seu bojo traços do discurso eugênico sanitarista.

Diversas são as medidas introduzidas com o claro objetivo de homogeneizar e integrar a sociedade brasileira. Neste quadro, a escola, assim como no início do século XX, assume um papel de extrema importância, sendo mais uma vez percebida enquanto núcleo de formação e homogeneização. Dentro desse cenário, várias são as práticas sistematizadas com esse objetivo.

Conforme já referido acima, a saúde infanto-estudantil foi um dos pontos mais enfatizados nas práticas adotadas pelo regime do Estado Novo. Isso se deve também ao fato de que a saúde, tanto em caráter nacional quanto em caráter estadual, esteve até certo momento sob responsabilidade da pasta da educação (OCHMANN apud GERTZ, 2005:108). Logo, o Estado do Rio Grande do Sul também foi palco de inúmeras práticas médico-escolares, inseridas nas políticas do Estado Novo.

Colônias de férias: o caso gaúcho

A presente pesquisa tem como objetivo a análise e a descrição de uma dessas medidas, especificamente aborda a realização de Colônias de Férias, sistematizadas no estado do Rio Grande do Sul entre os anos de 1938 e 1943, colônias essas que, segundo Maria Helena Câmara Bastos, foram promovidas com um duplo objetivo, o aperfeiçoamento físico, moral e mental da clientela escolar, bem como uma demonstração da efetiva nacionalização das comunidades estrangeiras (BASTOS, 2005:226).

Para a realização da pretendida análise foram definidos dois grupos de fontes. Em primeiro lugar, o objeto de estudo é o conjunto composto por uma gama de documentos oficiais, como Relatórios da Secretaria da Saúde, Relatórios de Coelho de Souza², relatórios do Departamento Estadual de Educação Física, entre outros. Em um segundo momento, a análise de uma série de artigos inseridos em periódicos publicados no período estudado, como o *Correio do Povo*, o *Diário de Notícias*, a *Revista do Globo*³ e a *Revista do Ensino*, esta última já bastante enfatizada no trabalho de Maria Helena Câmara Bastos.

² J. P. Coelho de Souza então responsável pela pasta da Educação.

³ Com relação à *Revista do Globo*, esta sendo consultada a secção destinada a Educação Física, isso se deve ao fato de que as Colônias de Férias, ao menos no estado do Rio Grande do Sul, além de darem muita ênfase às atividades físicas, estavam sob supervisão do Departamento Estadual de Educação Física.

Importante ressaltar que muitos desses artigos, tanto os que enfatizam as Colônias de Férias quanto os que trazem temas relacionados, tem em sua autoria nomes ligados à sistematização das Colônias de Férias, como, por exemplo, o doutor Poli Marcelino Espírito, então dirigente do Serviço de Higiene Escolar e um dos nomes mais ligados à implementação de tal medida em solo gaúcho. A relatada pesquisa, apesar de ainda incipiente, já traz alguns resultados parciais no que tange ao caráter descritivo. Alguns desses resultados serão apresentados neste momento.

Segundo dados obtidos nos relatórios de Coelho de Souza, as Colônias de Férias ocorreram no estado do Rio Grande do Sul entre os anos 1938 e 1943. Durante estes cinco anos de existência foram 12 as Colônias e 791 o número de escolares por elas atingidos. As duas primeiras Colônias desenvolvidas ocorreram entre os meses de dezembro de 1938 e janeiro de 1939, e, segundo podemos perceber, ocorreram em caráter experimental, pois foram utilizados dois clubes da capital, ficando os escolares alojados em barracas.⁴ É só após essas duas colônias que vemos o aproveitamento de prédios de grupos escolares: no distrito de Belém Novo (Porto Alegre), em Farroupilha, em Torres e em Flores da Cunha, o que nos leva a crer que a partir da realização das duas primeiras experiências, as mesmas seriam adotadas como uma medida sistemática pelo Estado. Com relação ao seu desenvolvimento e à sua implementação, o gasto total (das 12 colônias) foi de Cr\$ 145.392,10, com que o custo médio de cada participante foi de Cr\$ 183.80.⁵

Dentre os diversos pontos que estão relacionados com o funcionamento das Colônias de Férias no Rio Grande do Sul, um dos que apresentam a maior importância diz respeito à seleção dos escolares que iriam participar delas.

Segundo artigo apresentado na *Revista do Ensino*, de autoria do já citado Poli Marcelino Espírito, levava-se em consideração o critério médico, este obtido através dos fichamentos escolares. Com essa primeira instrução, o Serviço de Higiene Escolar elaborou um quadro para a melhor seleção desses escolares; nesse quadro eram levados em consideração os seguintes itens: nome do aluno, residência, sexo, cor, idade, grau de necessidade, observações.⁶ Outros são os fatores que iriam influenciar na seleção dos alunos aptos a comporem as colônias de férias, dentre eles a exclusão de alunos que pudessem

⁴ Os clubes são o Yate Club de Porto Alegre e o Country Club.

⁵ Como uma referência para este valor, o salário mínimo em 1942 era de Cr\$ 240,00 (<http://www.jfpr.gov.br/ncont/salariomin.pdf>)

⁶ Com relação a esse último item, é interessante notar que ele é dedicado a observações que se julgavam ser de suma importância, como por exemplo, a indicação de possíveis hábitos imorais da criança, como trato inconveniente com meninas, palavras obscenas, entre outros.

custear uma estação de veraneio⁷ e a avaliação de professores e diretores dos grupos escolares, esses que através do convívio diário teriam a capacidade suficiente para perceber a necessidade de cada aluno.

Colônia de férias: Farroupilha

Na tentativa de melhor ilustrar o funcionamento das Colônias de Férias implantadas no estado do Rio Grande do Sul, trago dados referentes à realização de uma dessas Colônias de Férias, dados contidos em outro artigo exposto na já referida *Revista do Ensino*.

Segundo informações contidas na citada revista, a colônia apresentada ocorreu no município de Farroupilha, entre 19 de janeiro e 1º de fevereiro de 1941. Com escolares escolhidos pelo próprio Doutor Poli Espírito, a Colônia teve em sua direção o Tenente Max H. Hanke, do Departamento de Educação Física (aparecendo aí à influência militar na educação física), e como dietista a professora Joaquina Muniz Reis, nome que constantemente aparece relacionado à alimentação infanto-estudantil no Rio Grande do Sul.

Com relação à participação militar na Educação Física, sabemos que foram os militares que introduziram de maneira sistemática a educação física no Brasil e, segundo Celso Castro, com o Estado Novo temos o ápice do domínio militar sobre essa área (CASTRO: 1997:67).⁸.

Assim, foram selecionados, em 24 grupos escolares da capital, cerca de 65 alunos, todos meninos e com idades que variavam entre os 7 e 13 anos. O programa traçado segundo o Doutor Gaspar Ochoa, autor do referido artigo, tinha como objetivo a saúde, a educação moral cívica e física, e poderia ser resumido através das atividades propostas:

6:15 – Alvorada
6:40 – Hasteamento do Pavilhão Nacional e canto do Hino Nacional
7:00 – Café
8:00 – Ed. Física
9:30 – Visita Médica
10:00 – Merenda

⁷ Neste ponto, fica clara a intenção em se atingir alunos de baixa renda

⁸ Já se nota uma grande influência militar na educação física desde 1930, quando o então ministro do MES, Francisco Campos, ao reformar o ensino secundário, adota as normas e diretrizes do Centro Militar de Educação Física. Porém, com o autoritarismo vigente no Estado Novo, essa participação militar na educação física civil torna-se muito mais presente.

10.15/11.15 – Recreio
11.30 – Almoço
12.15/14.30 – Repouso
14.30 – Ed. Moral ou Cívica
15.00 – Merenda
15.30/18.00 – Passeios, excursões ou jogos
18.30 – Jantar
19.00 – Arreamento do Pavilhão Nacional e canto do Hino Nacional
19.15 – Reunião Social
20.30 – Merenda
21.00 – Revista
21.30 – Silêncio

Tabela 1 – Conjunto de atividades referentes à Colônia de Férias realizada no município de Farroupilha 19/01/41 a 1/02/41. Fonte: *Revista do Ensino*, Porto Alegre, número 25, volume 7, 1942, p.7

Segundo o artigo do Doutor Ochoa, durante o período de duração da Colônia, os escolares apresentaram um ganho de peso na proporção de 306 gramas na primeira semana e 1.044 gramas na segunda. Dentre os escolares participantes, apenas 4 não apresentaram um ganho de peso. Com relação ao programa de atividades, realizaram-se 7 excursões, 2 competições desportivas e 13 conferências sobre higiene, dietética e educação cívica.

Não houve assistência religiosa, mas os escolares estavam liberados para assistirem à missa aos domingos.

Ao final do seu artigo, Gaspar Ochoa afirma que as Colônias se apresentavam como uma instituição altamente promissora entre os que de alguma maneira exerciam o comando sobre a educação e a saúde no nosso estado. Afirmação essa encontrada constantemente nos artigos que faziam referência às Colônias de Férias como o artigo publicado no *Correio do Povo* em 9 de dezembro de 1938, que afirmava que “é uma iniciativa de grande alcance em favor desses escolares, a qual vem dar execução entre nós a prática de uma instituição já sancionada por longa experiência e que tende a cada vez mais a se difundir” (*Correio do Povo*, 9/12/38:5). Já as palavras de Coelho de Souza em seu relatório entregue a Cordeiro de Farias, interventor federal, também deixam clara a opinião com relação às Colônias de Férias: “O alcance social dessa iniciativa é evidente” (SOUZA, 1943).

Resultados parciais

O que fica de conclusão parcial é que, por mais que se esperasse do resultado das colônias, como podemos observar nessas afirmações, elas tiveram uma ação um tanto quanto

limitada, pois ao longo de 5 anos só 791 escolares delas participaram, e, segundo números dos Arquivos do Departamento Estadual de Saúde, do ano de 1944, dos 17.917 alunos fichados em Porto Alegre, cerca de 9.336 estavam sub-nutridos, e destes apenas 2.050 foram selecionados para as colônias.⁹

Dessa forma, fica um problema a ser trabalhado: o motivo pelo qual julgo que as Colônias de Férias, ao menos no estado do Rio Grande do Sul, tiveram um alcance limitado. Outro problema a ser solucionado diz respeito ao abandono da referida medida no estado do Rio Grande do Sul, sendo que a mesma permanece em funcionamento em caráter nacional, como podemos observar através de informações contidas na *Revista da Educação Pública* do mês de março do ano de 1945.

Esses foram alguns pontos que julgamos de suma importância na tentativa de demonstrar resumidamente a trajetória percorrida nesta pesquisa até o presente momento. Trajetória que, apesar de recente, já nos permite algumas considerações aqui apresentadas.

Referências Bibliográficas:

- BASTOS, Maria Helena Câmara. *A Revista do Ensino no Rio Grande do Sul (1939-1942)*. O Novo e o Nacional em Revista. Pelotas: Editora Seiva, 2005.
- _____. Infância, higiene & educação. In: Reunião Anual da ANPED (28: 2005: Caxambu) 40 anos de pós-graduação em educação no Brasil: [anais]. Caxambu: ANPED, 2005.
- _____. Rio Grande do Sul durante o Estado Novo: uma política de nacionalização do ensino: 1937-1945. *Educação* (Porto Alegre). Porto Alegre, vol. 21, n. 34 (abr. 1998).
- _____. As revistas pedagógicas e a atualização do professor: a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul: 1951-1992. In: *Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras, 1997.
- _____. Professorinhas da nacionalização: a representação do professor rio-grandense na Revista do Ensino: 1939-1942. *Em aberto*, Brasília, DF, vol. 14, n. 61 (jan. /mar. 1994).
- _____. *Educação no Brasil: questão de saúde pública: uma visão médica do século XIX*. Porto Alegre: UFRGS/Faculdade de Educação, 1989.
- BONEMY, Helena (org.). *Constelação Capanema: intelectuais e políticas*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2001.
- CASTRO, Celso. In Corpore Sano: os militares e a introdução da educação física no Brasil. *Revista Antropolítica*, Rio de Janeiro, UFF, n. 2, 1997.
- DOMINGUES, Octavio. *Eugenia, Seus Propósitos, Suas Bases e Seus Meios*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.
- GERTZ, René E. *O Estado Novo no Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: UPF Editora, 2005.
- MARQUES, Vera Regina Beltrão. *A medicalização da raça: médicos, educadores e discurso eugênico*. Campinas: UNICAMP, 1994.

⁹ Números referentes ao ano de 1943.

- ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- PAULA, David Ferreira de. O Treinamento Físico da Criança Pobre no Estado Novo: A Experiência do Parque Infantil na Cidade de São Paulo. *Revista Pós-História*. Assis: UNESP, vol. 5, 1997.
- SCHWARTZMAN, Simon (org). *Estado Novo, um auto-retrato*: Arquivo Gustavo Capanema. Brasília: UnB, 1982.
- SCHWARTZMAN, Simon et al. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- SILVA, José Luiz Werneck da et al. *O feixe e o prisma*: uma revisão do Estado Novo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- SILVEIRA, Eder. *A Cura da Raça*. Passo Fundo: UPF Editora, 2005.
- STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. *Histórias e memórias da educação no Brasil*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 3 v. 2005.
- _____. Discursos médicos e a educação sanitária na escola brasileira. In: *Histórias e memórias da educação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- _____. O conteúdo educativo da propaganda sanitária no Rio Grande do Sul nos anos 20 e 30. In: Congresso Iberoamericano de História de la Educación Latinoamericana (2003: San Luis Potosí) Historia de las ideas, actores e instituciones educativas: memoria del VI Congreso Iberoamericano de História de la Educación Latinoamericana. San Luis Potosí: El Colegio de San Luis, 2003.
- _____. Saúde, higiene e civilidade em manuais. In: Congresso Brasileiro de História da Educação (2004: Curitiba). A educação escolar em perspectiva histórica: [anais]. Curitiba: SBHE/PUCPR, 2004.
- _____. Aprender trabalhando: a experiência do Instituto Técnico-Profissional Parobé: 1907-1930. In: *Histórias e memórias da educação do Rio Grande do Sul*. Pelotas: Seiva, 2002.
- _____. Currículo escolar e educação da saúde: um pouco de história do presente. In: *Saúde e sexualidade na escola*. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- _____. *Tratar e educar: discursos médicos nas primeiras décadas do século XX*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 1999 (tese de doutorado).
- _____. Formar o cidadão física e moralmente: médicos, mestres e crianças na escola elementar. In: Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação (1996: Lisboa) Leitura e escrita em Portugal e no Brasil: 1500-1970: actas do 1. Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 1998.
- _____. Práticas educativas da medicina social: os médicos se fazem educadores. *História da educação*. Pelotas, RS, vol. 1, n. 2 (set. 1997).
- _____. A formação de sujeitos higiênicos: médicos-educadores na escola profissional: [resumo]. In: Reunião Anual da ANPED (19: 1996: Caxambu). A política de educação no Brasil: globalização e exclusão social: programa. São Paulo: Anped, 1996.
- _____. Formar o cidadão física e moralmente: médicos, mestres e crianças na escola elementar. *Educação, subjetividade e poder*. Porto Alegre, vol. 3, n. 3 (jan./jun. 1996).